

# Juro cai para 25% em 99, prevê economista

*Previsão é do ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega, que também crê em déficit comercial menor*

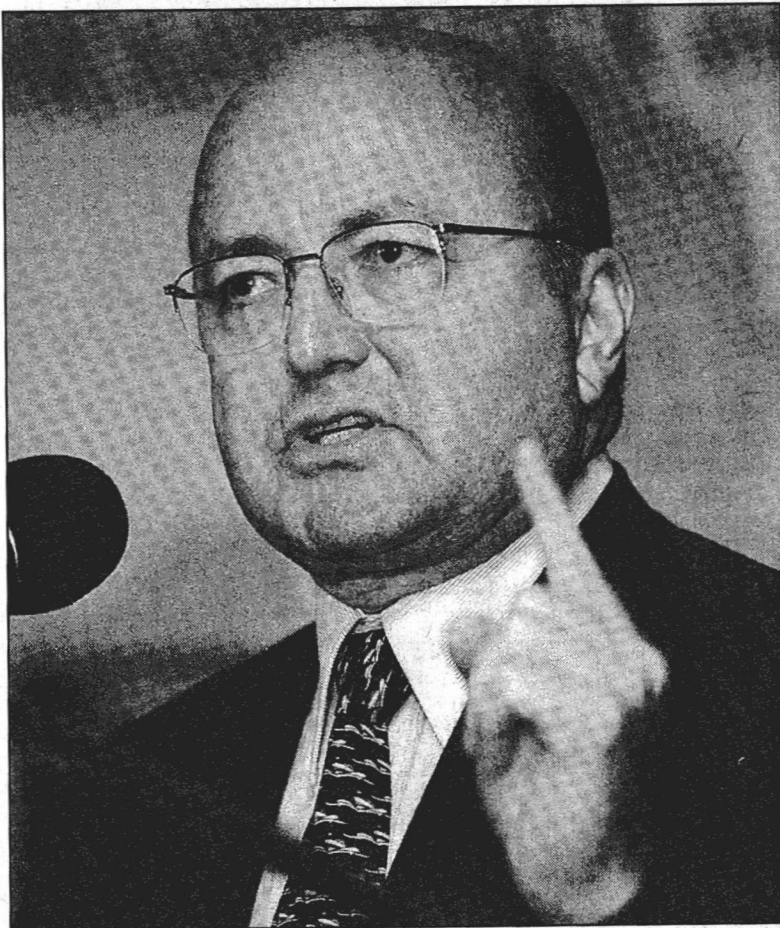
MÁRCIA DE CHIARA

Os juros básicos da economia poderão recuar para 24% a 25% ao ano no começo de 1999. Para o fim do primeiro trimestre, as taxas poderão ser inferiores a 20% ao ano. Essa é a previsão do ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega, que participou ontem do seminário Perspectivas da Economia Brasileira para 1999, promovido pela consultoria Tendências.

Segundo o economista José Márcio Camargo, que também participou do evento, os juros básicos poderão estar entre 18% e 19% ao ano no segundo semestre de 1999, voltando aos níveis anteriores aos da crise asiática. Atualmente, a taxa básica está em 42,25% ao ano. O economista vinculou esse resultado ao cumprimento pelo País das metas acertadas com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Nas previsões de Mailson, os preços devem continuar em queda, com recuo de 1,5% no ano que vem. A balança comercial, que deve fechar este ano com déficit de US\$ 6 bilhões, terá um buraco menor em 99, com saldo negativo de US\$ 3 bilhões a US\$ 4 bilhões.

“Os investimentos estrangeiros continuarão chegando ao País”, afirmou Mailson, que aposta numa entrada de recursos para investimentos diretos de cerca de US\$ 18 bilhões no próximo ano. Ele argumentou que nos países asiáticos, que também foram alvo de ataques especulativos, o número de fusões e aquisições de empresas hoje é maior do que antes da crise, por



Sebastião Moreira/AE

Mailson: “Os investimentos estrangeiros continuarão chegando ao País”

## ATUAL POLÍTICA CAMBIAL DEPENDE DO AJUSTE

conta das boas oportunidades de negócios que foram criadas com a queda dos preços dos ativos na região. E esse quadro poderá repetir-se na economia brasileira.

**Câmbio** – O mercado poderá antecipar o rompimento da política cambial, se não for concretizado o ajuste fiscal, segundo previsões de Camargo. O especialista ponderou, no entanto, que é muito pouco provável que ocorram mudanças no câmbio por parte do governo, que adota hoje uma política mista, com desvalorização constante anunciada previamente da moeda nacional associada à banda cambial.

“Não haverá mudanças no re-

gime cambial”, afirmou Mailson. O ex-ministro foi enfático ao afirmar que não há a menor lógica em desvalorizar a moeda nacional, prevista por alguns analistas para o primeiro trimestre do próximo ano.

Mailson fundamentou seu raciocínio no fato de que as metas acordadas com o FMI para o primeiro trimestre não foram fechadas sobre percentuais do Produto Interno Bruto (PIB), mas em valores nominais. E se o governo trabalhasse com a perspectiva de desvalorizar a moeda em fevereiro ou março estaria destruindo a possibilidade de cumprimento das metas a que se propôs, explicou. “Seria um jogo não recomendável.”

Para Camargo, a melhor política cambial hoje é a que está sendo utilizada pelo governo. Mas o fato de o próprio governo anunciar previamente as desvaloriza-



Sebastião Moreira/AE

Abranches: ajuste vai provocar momentos de “tensão e conflito”

ções, na faixa de 7,5% ao ano, indica que ele admite estar trabalhando com câmbio sobrevalorizado. Isso dá a essa política uma certa dificuldade de credibilidade entre os agentes econômicos. “Mas se a política cambial for mudada de uma hora para outra, o governo volta ao fim dos anos 80, quando não tinha credibilidade, que é fundamental para atrair o capital externo.”

Camargo vinculou essa credibilidade ao ajuste fiscal e às reformas estruturais a serem realizadas nos próximos seis meses. Só a partir daí, ele considera a hipótese de uma política cambial mais flexível. Segundo ele, a transição do atual regime para o de câmbio flexível deverá

ocorrer por meio de uma política de câmbio fixo no curto prazo e o mercado vai sancionar as taxas de desvalorizações. “No ano 2000, o governo deverá reduzir as desvalorizações anunciadas, até passar para o câmbio flexível.” Ele conside-

ra o câmbio flexível o mais adequado ao País a médio prazo por causa da grande heterogeneidade.

Na opinião de Camargo, no primeiro semestre do próximo ano o governo deverá

enfrentar pressões econômicas e sociais para reverter o ajuste por causa dos elevados índices de desemprego e queda do PIB. Mailson calculou que o PIB poderá recuar até 1,5% em 1999, acima das expectativas do governo.

## MAILSON PREVÊ ALTO INVESTIMENTO EXTERNO EM 99